

**Algumas palavras a respeito do engenheiro-agrónomo Mota Prego,
proferidas no acto da inauguração do seu busto, no I. S. A.**

PELO

Prof. BOAVENTURA DE AZEVEDO

*Sr. Presidente do Ministério
Srs. Ministros
Meus Colegas
Minhas Senhoras
Meus Senhores*

Foi-me dado, pelo Conselho Escolar do Instituto Superior de Agronomia, o honroso encargo de dizer algumas palavras, no acto da inauguração solene do busto do engenheiro-agrónomo João Coelho da Mota Prego, que, em obediência a uma disposição testamentária dum saudoso professor desta casa, o sr. conde de Nova Goa, aqui deixamos, hoje, ao lado do monumento que consagra a memória veneranda de Verissimo de Almeida.

É cedo para se fazer o elogio da extensa obra de Mota Prego.

O homem que excede a craveira vulgar é, muitas vezes, visto, durante a sua vida, através dum sistema óptico deformante, que ora amplia ora reduz o seu valor real, e que só com o andar do tempo, por uma lei de justiça, se modifica e corrige, permitindo, então, que se fixe a imagem em verdadeira grandeza.

É esta uma das razões pelas quais os elogios constituem homenagens póstumas com feição histórica, abrangendo tóda a vida do festejado. Se, contrariamente a esta regra, pronunciássemos agora o elogio de Mota Prego, seria porque nada mais esperávamos da sua actividade e nos resignávamos a considerar finda a carreira dum dos mais fecundos agrónomos portugueses.

O país, tem, ainda, felizmente, muito que beneficiar da sua acção e experiência e no seu cadastro ainda se hão-de escrever mais páginas de brilhantes serviços.

A lei do limite de idade, atingindo-o em 17 de Fevereiro de 1929, não o afastou, por completo, dos serviços oficiais. De facto, pouco depois daquela data, em 21 de Março, foi nomeado para fazer parte da Junta Consultiva da Estação Agrária Nacional, e em 11 de Outubro do mesmo ano vemo-lo assumir o cargo de Director de Serviço de Assistência Técnica da Junta Central da Companhia do Trigo...

É porque de homens como Mota Prego não é fácil dispensar a colaboração, tornando-se, assim, forçoso, para que o Estado continue a aproveitar os seus méritos, dar-lhe comissões gratuitas...

Direi, agora, apenas as palavras necessárias ao enquadramento dêste acto solene. O encargo do seu elogio, ficará, pois, para outrem mais competente, quando um dia — que o destino coloque distante — tiver de ser proferido.

• • •

Mota Prego terminou o seu curso agronómico em 1887 e seguiu, depois, para Paris, onde se aperfeiçoou em química agrícola, sob a direcção do professor Muntz, até 1890.

Passados 20 anos, ainda êste professor, uma das glórias da ciência francesa, se informava, interessadamente, junto de alguém que então o visitara, acêrca da carreira do seu discípulo português.

Percorreu depois, a Suíça, a Alemanha, a Áustria, a Hungria e a Bélgica em estudos da mesma ciência e também de economia rural.

A vida associativa dêstes países, mormente da Alemanha, impressionou-o profundamente, quer pelos serviços prestados à agricultura, quer à ciência.

No seu regresso a Portugal, em 1891, iniciou imediatamente, na imprensa, uma campanha com o fim de levar o agricultor português à compreensão do princípio da associação rural.

A lei que criou os Sindicatos Agrícolas, referendada por Lobo de Ávila, pode considerar-se obra sua, até pelo nome dado a estas associações.

Pouco depois entrava para o Instituto, como Chefe de Serviço. O campo, porém, atraía-o irresistivelmente. Arrendou, então, em Tomar, algumas geiras de terra e iniciou, por sua conta, experiências de adubação, que lhe permitiram obter rendimentos muito mais elevados que os dos la-

vradores das vizinhanças, ainda pouco crentes nos efeitos dos adubos químicos.

Este facto constituía-o, em consciência, na obrigação moral de divulgar os resultados dos seus ensaios, mas o serviço oficial em Lisboa tirava-lhe o tempo e a liberdade de acção.

Abandonou, então, o seu lugar no Instituto, sacrificou todos os seus interesses, e, iluminado pela fé mais ardente, lançou-se, denodadamente, como um apóstolo, na propaganda agrícola!

* * *

A actividade de Mota Prego tem sido principalmente exercida no campo da propaganda da boa técnica agrícola. Os seus livros e, dum modo geral, todos os seus escritos, podem classificar-se, como disse D. Luis de Castro, em dois grupos: — os de propaganda sem novela e os de propaganda com novela. Entre os primeiros, acrescenta o saudável professor, duas categorias ainda se podem marcar: «aqueles que se baseiam em estudos, experiências, ensaios originais do autor e os que descrevem, com superior força de invocação, exemplos que no estrangeiro o autor viu e convem evidenciar à agricultura nacional».

Se realmente uma grande parte da sua actividade foi ocupada na difusão das boas práticas agrícolas, na evangelização da técnica racional e sã, não é menos certo, porém, que o assunto da sua propaganda era previamente escolhido com superior critério no campo dos interesses nacionais. A sua propaganda foi sempre, simultaneamente, um meio e um fim.

Fundamentalmente Mota Prego foi, durante uma parte da sua vida, um orientador e um criador. «Arreigou-se no meu espírito — diz êle no prefácio do seu livro *Olivais e lares* — a ideia de que a oleicultura deve ser uma das nossas principais riquezas rurais, representando em Portugal o mesmo papel que nas províncias oleícolas de Espanha, da França e da Itália; e que a nossa regeneração oleícola, dado o esforço e a inteligência que ainda há pouco mostrou a lavoura portuguesa no engrandecimento da sua cultura vinícola, de modo algum pode constituir, em face dessa mesma lavoura, um obstáculo que não seja facilmente vencido».

Estas palavras mostram bem que a propaganda dos bons processos oleícolas não representava apenas o desejo de melhorar uma técnica defeituosa, mas também o meio de colocar a oleicultura na situação económica que o meio agro-climático português condiciona.

Não o interessava apenas o melhoramento da questão tecnológica. Dominava-o, claramente, o pensamento mais alto de integrar no seu lugar,

em toda a sua importância, por um simples processo de evolução, baseado no aperfeiçoamento do fabrico, um ramo fundamental da agricultura pátria, que tinha condições especiais para viver e prosperar.

Vê-se como por detrás do propagandista se encontrava o orientador, como o técnico sabia ser agrônomo!

Mota Prego tem sido sempre, realmente, um agrônomo modelo, como foi chamado por Artur Castilho.

O espírito que presidiu à campanha oleícola foi o mesmo que orientou a dos adubos químicos, a dos lacticínios e a que fez com as novelas agrícolas.

Mota Prego tinha metodizado e sistematizado o seu original sistema de propaganda, de tão brilhantes e felizes resultados.

Segundo escreveu, com toda a autoridade, Artur Teles de Menezes, que foi seu dedicado colaborador, durante 5 anos, na Escola Agrícola de Santarém, Mota Prego, conhecedor do espírito positivo do lavrador, orientava os seus trabalhos pela maneira seguinte: — «Observava e estudava para cada ramo agrícola que se propunha fazer progredir, o que de melhor havia no estrangeiro; examinava, depois, o que no país se havia feito e o estado em que se achava o referido ramo agrícola; adaptava ao nosso meio rural os processos mais adiantados que lá fora tinha observado, e, depois de ter conseguido resultados palpáveis, convidava os agricultores a tomar deles conhecimento, verificando pessoalmente as suas vantagens».

Para a sua campanha oleícola visitou, autorizado por uma portaria de 15 de Novembro de 1901, a Andaluzia, a Catalunha, Marselha, Nice, Pisa, Luca, Portici e Bari. Percorreu, depois, no país, os lagares mais afamados e recolheu à Escola de Santarém, de que era director desde 1899, para os seus estudos e experiências.

Oiçamos agora o que diz a este respeito Teles de Menezes:

«Na Escola tratou de fazer a adaptação das práticas que reconheceu como melhores ao nosso meio rural, e não teve para isso pequeno trabalho, desajudado de auxílio oficial, apertado em estreitas instalações e lutando com a falta de material.

Tudo venceu, porém, a sua inabalável força de vontade e em 1902 partiam da Escola de Santarém centenaes de cartas, convidando os agricultores interessados a certificarem-se *de visu* dos belos resultados obtidos e da forma de, com o mínimo dispêndio ficarem, de posse de boas instalações oleícolas.

Viu-se então o raro espectáculo de uma verdadeira romaria de pro-

prietários e agricultores portugueses, vindos do norte, do centro e do sul do país à pequena Escola de Agricultura de Santarém, e saírem de lá uns, resolvidos a adoptar as práticas observadas, outros pelo menos convencidos do valor real dos trabalhos do ilustre agrônomo português.

Mota Prego ensinava-lhes de uma maneira prática e persuasiva, exemplificando sempre o seu ensino, não só a instalar oficinas oleícolas modernas, mas a modificar e aperfeiçoar as existentes, reformando o material e os processos de uma forma que lhes provava económica. Todos os dados técnicos e económicos eram prontamente fornecidos aos agricultores desejosos de progredir.

Em menos de um ano, 13 ou 14 lagares foram instalados em diversos pontos do país, obedecendo ao plano e preceitos vulgarizados por Mota Prego, distinguindo-se entre elles o da casa Sobral em Almeirim e o de J. Rivotti junto à estação de Tôrres Novas, o primeiro movido a vapor e o segundo com motor animal».

Não satisfeito com o que ensinava aos que o procuravam na Escola, este apóstolo foi procurar ouvintes aos mais importantes centros oleícolas.

Começaram assim as suas conferências, que foram feitas em muitos pontos do país.

Dum artigo de Santos Paz recorto o seguinte :

«É principalmente notável a sua missão a Portalegre, importante região oleícola, realizada em Abril de 1903, e em que, tendo-se feito acompanhar por um lagar completo, ali o pôs a funcionar, comparando as prensas italianas com as portuguesas, estabelecendo a diferença entre as pressões que cada um podia dar, concluindo enfim por demonstrar, com dados práticos e duma forma irrecusável, qual a perda que sofre a oleicultura portuguesa com os seus processos antiquados. É também particularmente digna de menção a conferência feita pelo ilustre engenheiro-agrônomo em 17 de Janeiro de 1904, no Teatro Gil Vicente, no Pôrto, a qual versou sobre azeites e lacticínios, tendo-se nessa ocasião oferecido, como aliás sempre fazia, para instruir gratuitamente quem assim o desejasse na Escola de Regentes Agrícolas em Santarém, de que era então director».

Devemos reconhecer que neste processo de propaganda, levando consigo todo um lagar completo, Mota Prego, excede, pelo arrôjo, pela iniciativa, pela eficácia de que procura revestir os seus meios de acção, tudo quanto pudéssemos imaginar.

Das «Notas Biográficas» publicadas no número de homenagem que o «Agros» lhe dedicou em 1919, vê-se que ano e meio depois já o número de lagares modernos era superior a vinte. Lá se diz : — «em cada centro oleícola importante instalara-se um lagar aperfeiçoado e noutros 2 e 3. A

oleicultura portuguesa organizava-se em novas bases, dando melhor azeite e melhores rendimentos. Ela caminharia por si».

Em 1902 publicava o manual «Olivais e Lagares» excelente guia para os nossos oleicultores, onde descreve a indústria oleícola estrangeira e os estudos que fez em Santarem.

Finda a campanha oleícola lançou-se na resolução doutro problema — o desenvolvimento da indústria leiteira — que, tendo, em várias regiões do país, magníficas condições de vida, progredia, contudo, muito lentamente.

De novo aproveitou a informação das «Notas Biográficas», para dizer a V. Ex.^{as} de que maneira Mota Prego se houve nesta nova campanha:

«Voltou outra vez ao estrangeiro com o fim de estudar a indústria dos lacticínios percorrendo os principais países da Europa onde esta indústria tomava maior importância — França, Itália, Suíça, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia, etc. — Dos estudos e observações feitas deu conta no livro *Manteigas e Queijos*.

Chegado a Santarem iniciou uma série de trabalhos que permitiram três meses depois iniciar as conferências de propaganda com a apresentação de 15 tipos de queijos estrangeiros fabricados em Santarem.

Na conferência do Pôrto, feita no Palácio de Cristal, foram alguns desses provados pelo público que, apreciando os mais conhecidos, os confundiu com os originais da Holanda. Dos estudos e experiências que realizou deu detalhada conta no seu livro *Prática de Leitaria*. Devido a estes trabalhos de propaganda montaram-se em Portugal várias leitarias, onde se utilizou o leite, não só no fabrico da manteiga como no dos queijos. A expansão desta indústria não foi tão rápida como a dos azeites pela simples razão de que é mais complexa, precisa de maior educação e demorado estudo; em todo o caso organizaram-se no continente e Madeira umas 7 empresas, algumas das quais chegam a fabricar mais de tonelada e meia de queijo, mensalmente. Da leitaria da Escola saíram alguns profissionais distintíssimos, uns filhos da própria Escola, e outros constituídos por agricultores que desejavam montar esta indústria».

Depois de ter celebrado a Escola Agrícola de Santarem, transformando-a numa «defeituosa, deficiente, e acanhadíssima instalação», como ao tempo era, numa Meca, à qual acorriam, como diz D. Luis de Castro, todos os fiéis agrários, em caravanas numerosas, vamos encontrá-lo na Madeira, encarregado de fazer o estudo da sua economia rural. O desenvolvimento que lá tiveram, nessa época, as indústrias de lacticínios e da moagem é obra sua.

A memória que apresentou acerca da sua missão naquela ilha é um

trabalho primoroso pela observação, pela crítica e pela exactidão, honrando as páginas das «Notas sobre Portugal», onde foi publicada. No «Jornal do Comércio», «Portugal Agrícola» e «Comércio do Porto» publicou também desasete artigos, tocando todos os pontos da economia e agricultura madeirense.

. . .

Não obstante todos os esforços que dispendera até então, Mota Prego reconhecia que aquilo a que êle chamava o «fundo rural português» não tinha sido tocado. Era seu desejo atingir tôdas as classes, interessando-as nas questões agrícolas e valorizar até os ociosos, sugestionando-os com o bucolismo da vida do campo. Iniciou para êsse fim uma nova campanha, que consistiu na publicação das suas célebres novelas de propaganda agrícola, que ficarão na literatura de todos os países como obras primas do género.

Oiçamos o que sobre elas diz D. Luís de Castro:

«Surge então essa «Biblioteca dos meus filhos», monumento maravilhoso da arte do propagandista, que não tem cousa que se lhe aproxime em literatura alguma do mundo.

Oficialmente consagrada em alguns dos seus volumes, classificados em primeiro lugar pela comissão técnica da instrução pública e adquiridos pelo governo para serem distribuídos como prémios aos alunos das escolas primárias; consagrados outros pela A. C. A. P. em concursos e exposições, de várias especialidades onde foram premiados, êstes volumes encantam a novos e a velhos, a crianças e a adultos, a homens de sciência e a literatos.

«A Horta do Tomé», «A Quinta do Diabo» iniciaram a série continuada em «Os Netos do Nicolau», «O Padre Roque», «A Leitaria de Rosalina», «Pomar de Adrião» e terminada, por enquanto, com «A Lagôa de Donim».

Sucessivamente a horticultura, a capoeira, o bicho da sêda, a abelha, os lacticínios, a arboricultura, a aquíicultura foram nesses tomos tratados de envolta com um entrecho de tal maneira interessante e de tal forma desenrolado literariamente, que se não sabe qual admirar mais: se o pedagogo, se o artista das letras.

Comparam Mota Prego como novelista a Júlio Denis. Seus livros dêste teor, encarados em globo lêem-se em meu parecer, com igual ou maior encanto do que os do autor da «Família Inglesa». São porventura mais fortes e conduzem-nos a afirmações morais mais categóricas. Por-

tanto são mais belos porque aliam a uma forma tão perfeita e a um interesse tão vivo, um fundo de maior alcance na alma humana.

Esta parte da obra de Mota Prego pode fornecer trechos para uma antologia de literatura portuguesa. Há volumes inteiros que lá caberiam. Em meu entender o «Padre Roque» — cuja figura principal é inspirada do natural, na pessoa do padre Bernardino de Barros Gomes, o imorredoiro autor de primeira classificação agronómica de Portugal, exímio engenheiro florestal e botânico — lá entraria completo. A descrição da paisagem alentejana é de tal modo vivida e cálida, que nos sentimos ao lê-la afogueados em calor. A personagem deliciosa do padre, a silhueta amorosa da filha (o pai tomara ordens depois de enviudar), as virtudes que florescem em todo o livro, sem que este nem de longe possa comparar-se a volume de prémio de colégio religioso, envolvem-nos numa atmosfera tal de bondade e de encanto, que saímos da sua leitura melhores do que entrámos. A intriga leva-nos, sem percebermos, da primeira à última página do tomo. Há quadros bucólicos neste romance que só um *Corot* com a ingenuidade de *Puvis de Chavannes*, poderia traduzir na tela.

Mas na «Leitaria de Rosalina», na «Lagoa de Donim», outros tantos se encontram a cada passo. Ler estes livros de João da Mota Prego é gozar de um puro encantamento artístico quando mesmo neles se não procure qualquer ensino técnico. A inversa, porém, também é exacta e quem se não importe com literatura encontra neles preciosas indicações práticas sobre as várias especialidades versadas».

Os primeiros volumes desta colecção foram escritos na Madeira, sendo secretário do autor de um velho amigo nosso. «O Pomar do Adrião» e «A Lagoa de Donim» foram ditados a Carlos dos Santos Paz, antigo aluno deste Instituto.

Pena é que outros volumes, já escritos há anos, ainda não tenham sido publicados.

Publicou, se não estamos em êrro, 27 obras, sendo as 2 últimas de 1929. Exceptuando estas, tôdas as outras estão esgotadas ¹ há muito, tendo-se vendido, não contando as edições clandestinas, mais de 60.000 exemplares.

Foi colaborador assíduo dos jornais, onde escreveu centenas de artigos de propaganda e crónicas agrícolas.

Cedo começou em Mota Prego a sua paixão pela imprensa agrícola,

(¹) Vimos, pouco depois da leitura deste trabalho, uma nova edição da «Horta do Tomé», feita recentemente pela Livraria Ferin.

pois já no 5.º ano do seu curso, durante o tirocínio na Granja do Marquês, em Sintra, o vemos fundar com o seu condiscípulo José de Almeida, actualmente professor nesta Escola, e com um lavrador, o sr. Manuel Tavares Veiga, a revista que se intitulou «A Granja».

Do valor dos seus escritos na imprensa periódica fala D. Luís de Castro nestes termos:

«Sua colaboração de meia coluna, nas «Novidades», era admirável síntese! Cada frase era um artigo, cada artigo era um tratado. Seus folhetins no «Jornal do Comércio» em nada eram inferiores aos de Grandea, no «Temps».

Há artigos dêle que recordo, apesar de bastantes anos terem passado sobre a sua publicação. Assim, uns sobre a economia agrícola dos arredores de Aveiro, publicados no «Jornal do Comércio». Que perfeição de conceitos, que análise perfeita, que demonstrações magistrais! E quantos, quantos outros!»

O nosso homenageado não tem agido apenas pelo jornal, pelo livro e pela conferência. Tem também exercido uma intensa acção pessoal junto dos agricultores.

O caminho da herdade sempre lhe foi familiar. No adro da igreja, à saída da missa, na casa da Escola, em horas de folga, muitas vezes se ouviu a sua voz, aconselhando e esclarecendo.

Mota Prego não esperava que o chamassem. Onde sabia que havia deficiências de técnica cultural, ia e ensinava. Onde via possibilidades duma modificação vantajosa ou do estabelecimento duma nova exploração, apresentava-se, discutia, demonstrava, convencia.

Não esperava que o chamassem, ia de motu próprio.

Favorecia-o a sua palavra calorosa e aliciante, o seu poder de sugestão e a simpatia e respeito inspirados pela sua fé e muito saber.

Raros estariam tão bem dotados como êle para o apostolado agrícola.

Mota Prego é agrônomo chefe desde 26 de Julho de 1919. Desempenhou, com grande brilho, no país e no estrangeiro, várias comissões de serviço.

Foi chefe de serviço, neste Instituto, químico analista, director da Escola Agrícola de Santarém, inspector das Estações Agrícolas de Destilação, chefe da Missão Agrícola de Guimarães e director da Estação Agrária do Além-Douro Litoral.

Foi louvado várias vezes pelos relevantes serviços prestados à Nação.

É membro da Academia das Ciências e Comendador da Ordem do Mérito Agrícola.

Actualmente reside em Guimarães, onde tem feito progredir notavelmente a agricultura local, aumentando tôdas as produções e estabelecendo novas indústrias agrárias.

Como bem dizia Sertório do Monte Pereira: «Mota Prego é uma medida de fomento. Mandá-lo para um sítio é desenvolver a faculdade económica da região».

* * *

Antes de terminar esta breve referência à vida de Mota Prego, vou citar a V. Ex.^{as} um caso que dá bem a medida da sua extremada dedicação e também da sua honorabilidade:

A casa «Verachi» convidou-o para seu representante em Portugal, oferecendo-lhe 20% sobre as vendas. Nos primeiros 18 meses de venda mandou esta firma, para o nosso país, cento e tantos contos de material, que corresponderiam hoje a cerca de 3.000. Pois Mota Prego recusou a representação, para evitar a suposição de que a propaganda que fazia do material italiano era determinada pelo interesse.

Minhas senhoras e meus senhores:

Mota Prego é, sem dúvida, uma alta figura da Pátria Portuguesa, que esta Escola pode apresentar aos novos como agrônomo modêlo, como um dos seus mais Ilustres Filhos!

Honra a Mota Prego!

Disse.

Obras de Mota Prego

- Adubos e adubações*, s. d.
Adubos e adubações, 1929.
Adubos e terras, 1902.
Análise de Alguns Tipos de Vinhos Portugueses, 1885.
Apelo aos Professores Primários Portugueses, 1930.
Aperfeiçoamento da raça barrosã e desenvolvimento da aptidão lactígena (Memória apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Pecuária).
Contribuição para o estudo do fabrico e conservação do vinho. (Dissertação inaugural apresentada ao Conselho Escolar do Instituto de Agronomia e Veterinária).
Criação (A) do gado lanígero no Minho. (Memória apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Pecuária).
Cultura da luzerna (De Provença) no Minho. (Biblioteca de Iniciação Rural).
Estabulação da cabra. (Memória apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Pecuária).
Estudo do fabrico e conservação do vinho. (Biblioteca do «Portugal Agrícola».)
Gua prática para o emprego dos adubos em Portugal.. (Premiado em concurso aberto no dia 17 de Julho de 1897).
Higiene e pureza do leite de consumo. (Memória apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Pecuária).
Horta (A) do Tomé. — Livro para crianças. Ilustrado.
Lagoa (A) de Donim. (Piscicultura). Ilustrado.
Leitaria (A) da Rosalina. Ilustrado.
Luis Grandaau. Traços biográficos, extracto de uma conferência e várias notas relativas à sua estada em Lisboa. (Biblioteca do «Portugal Agrícola».)
Manteigas e Queijos. Itália, Suíça, Dinamarca, Holanda, Bélgica, França, Portugal. 3 plantas e numerosas figuras.
Netos (Os) do Nicolau. (Sericultura). Ilustrado.
Olivais e Lagares. Andaluzia, Catalunha, Nice, Toscana, Bari, Portugal. 3 mapas, 9 plantas e 62 figuras.
Olivais e lagares minhotos. (3.º Congresso das Federações dos Sindicatos Agrícolas).
Olivais e lagares minhotos. (Tese apresentada ao 3.º Congresso das Federações dos Sindicatos Agrícolas).
Padre (O) Roque. (Apicultura). Ilustrado. Premiado.
Pomar (O) do Adrião. Ilustrado.
Prática de Leitaria. Manteigas e Queijos. 48 figuras e 6 plantas.
Produção A do leite e a intensificação da agricultura minhota. Tese apresentada ao 3.º Congresso das Federações dos Sindicatos Agrícolas.
Quinta (A) do Diabo. (Avicultura). 7.º milhar. Ilustrado. Aprovado e classificado em 1.º lugar, pela respectiva comissão técnica em concurso aberto em 22 de Outubro de 1908 e adquirido pelo Governo para ser distribuído como prémios aos alunos das escolas primárias.